

ROTEIRO DE ESTUDO/ATIVIDADES

UME: IRMÃO JOSÉ GENÉSIO

ANO: 9º COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

PROFESSOR: Frank Rocha

PERÍODO DE 20/07/2020 a 31/07/2020

Texto 1:

Felicidade Clandestina

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem de Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás, escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saúde".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía As reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte, eu me transformei na própria esperança

da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente, correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro. O dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte, lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel (veneno) não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia, diariamente, à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes, ela dizia: "pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina". E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e, com enorme surpresa, exclamou: "mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!"

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta,

exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse. É tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes, sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Linspector, Clarice. Felicidade Clandestina. [S.I.]. 2013. Disponível em: <<https://contobrasileiro.com.br/felicidade-clandestina-conto-de-clarice-lispector/>> Acesso em: 10 julho 2020.

Texto 2:

Falsa Felicidade

Ela era magra, alta, mulata de cabelos ondulados e compridos, com mechas loiras. Tinha um busto grande, assim era Helena, enquanto nós todas éramos gordinhas. Como se não bastasse, enchia um bolso pequeno de sua blusa, por cima do busto, com chicletes. Mas possuía o que qualquer adolescente ansioso gostaria de ter: a popularidade.

Muito aproveitava, e nós nada, não tínhamos a fama que ela tinha com outros jovens. Seu aniversário estava próximo, seria

uma grande festa em sua casa, com coquetéis, piscina e uma linda vista para o mar.

Ela tinha uma grande carisma para fazer amizades e esnobava pessoas que não faziam parte de seu ciclo social, nos olhava de canto empinando o nariz e eu ali esperando o meu tão sonhado convite para a sua grande festa.

Até que ela veio até mim, sorrindo, me pediu para que eu passasse em sua casa e pegasse o convite. A festa estava próxima, seria a festa mais chique e deslumbrante do ano.

Disse-me: "passe na minha casa pelo fim da tarde e lhe entregarei o convite."

Até que, no dia seguinte, logo pelo fim de tarde, fui depressa toda empolgada, esbanjando euforia; ela estava me esperando na porta, empinou o nariz e disse que meu convite não havia ficado pronto e me pediu para voltar no dia seguinte. Ansiosa voltei, animada e persistente na agonia de ter aquele convite, na ansiedade vinha no dia seguinte, e nos dias seguintes, chegando todos dias ao seu encontro.

Mas não ficou somente nisso. A dona da festa tinha um coração de pedra e insensível.

E, assim, continuou, cada dia ela adiava. Comecei a perceber que ela estava a mentir.

Até que, no dia de sua festa, eu estava ali, quando sua mãe me recepcionou. Ela estava estranhando minha aparição todos os dias e nos pediu explicações. Houve explicações confusas, até que a mãe de Helena, dona Elisa, entendeu toda situação. Olhou para a filha e disse: "Helena, o convite sempre esteve na caixa em cima da estante!"

Elisa, chateada com sua filha, pegou o convite e me entregou dizendo: "Te aguardamos às 20h para a festa."

Chegando em casa, com o convite em mãos, sentei em frente a minha penteadeira e refleti. Ela não me queria em seu baile, não era minha amiga, não pensava coisas boas de mim. Foi então que me arrumei, fiquei linda e saí para um barzinho, sozinha para longe daquela festa, na qual Helena não gostaria de minha presença.

O Texto 1, *Felicidade Clandestina*, é um conto, de Clarice Linspector. O Texto 2, *Falsa Felicidade*, é uma **Fanfic**, um texto narrativo ficcional, geralmente, publicado na rede mundial de computadores ("internet") e criada por qualquer pessoa que a produz por ser admiradora do autor(a) ou do texto original. Essa **Fanfic** é, como você notou, totalmente, inspirada no texto 1 e, a partir disso, responda:

1. Quais os **personagens principais/protagonistas** no Texto 1 e no Texto 2?

2. Quais são os "**vilões**"/**antagonistas** nos dois textos?

3. Qual é tipo de narrador de ambos os textos? **Narrador-personagem** (participa da história) ou **narrador-observador** (não participa da história).

4. Faça uma *descrição mental/psicológica* das duas **protagonistas** em ambos os textos.

5. Faça uma *descrição mental/psicológica* das **antagonistas** do texto 1 e texto 2.

6. Leia os dois primeiros parágrafos dos textos e responda **como a história começa** em cada um deles.

7. Qual é o **objetivo** de cada protagonistas nos dois textos?

8. Qual é o **problema** que surge para as duas protagonistas nas histórias?

9. Qual é o **momento mais crítico ou perigoso** para as protagonistas nas duas narrativas?

10. **Como acabam as histórias?** Elas têm a conclusão semelhante? Por quê?